

REAÇÕES POPULARES FRENTE A ALGUMAS DOENÇAS: UMA ABORDAGEM DIDÁTICA

Autor(es): Larissa de Almeida Nóbrega (1); Radamés de Sousa (2); Elissandra Maria Costa Dias (3); Orientador(es): Ângelo Emílio da Silva Pessoa (1); Damião de Lima (2).

(Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes - Campus I,

larissa.almeida.nobrega@hotmail.com, radamesdesousa@hotmail.com, elissandra_maria@hotmail.com)

INTRODUÇÃO:

É perceptível que ao longo da história as epidemias dizimaram e ainda dizimam milhões de indivíduos. A interação de fatores estritamente biológicos com questões de ordem social, econômica, política e cultural demandam uma visão interdisciplinar da questão. A atual proliferação das doenças causadas pelo mosquito *Aedes Aegypti*, por exemplo, é uma questão complexa que tomou conta dos noticiários e conversas cotidianas e gerou comoção social.

A partir dessas discussões enfatizadas nos noticiários atuais, acerca do mosquito *Aedes* e de epidemias em geral, nosso objetivo, instigados pela curiosidade dos alunos, foi analisar as reações de medo e insegurança em diferentes camadas sociais ao longo do tempo, seja entre camponeses, religiosos em relação à Peste Negra da Idade Média; epidemias que dizimaram povos inúmeros indígenas na colonização da América; ou, ainda, médicos, soldados, e populares frente à Varíola, Febre Amarela e Gripe Espanhola, respectivamente, nos séculos XIX e XX. Analisamos, portanto, algumas epidemias que mataram milhares de pessoas ao longo da história.

Nosso caso de estudo mais aprofundado concentrou-se na Peste Negra da Idade Média, entre os séculos XIV e XV; na epidemia da Varíola e Febre Amarela que grassou o Rio de Janeiro no século XIX; e na Gripe Espanhola que se disseminou após a Primeira Guerra Mundial e chegou até o Brasil, no século XX. Tratamos desses casos em específico após levantamento de interesses entre o grupo participante.

A percepção da maioria da população em relação às pestes no medievo europeu, especialmente a Peste Negra (bubônica) nos fins daquele período enfatizava o caráter sobrenatural de que a moléstia foi causada pela ira de Deus. Praga esta que assolara a humanidade devido às suas iniquidades. Um flagelo aterrador outorgado por Deus. A iconografia medieval estava farta dessas expressões e comportamentos de medo, terror e pânico coletivo. Todos estavam condenados ao flagelo da morte, ricos, pobres, homens, mulheres, idosos. A Peste não escolhera classe social.

No seu livro “história do medo no ocidente”, o historiador Jean Delumeau analisa através dos relatos dos cronistas da época, os horrores que a peste acometia entre os populares:

[...] a confusão dos mortos, dos moribundos, do mal e dos gritos, os uivos, o pavor, a dor, as angústias, os medos, a crueldade, os roubos, os gestos de desespero, as lágrimas, os apelos, a pobreza, a miséria, a fome, a sede, a solidão, as prisões, as ameaças, os castigos, os lazaretos, os unguentos, as operações, os bubões, os carbúnculos, as suspeitas, os desfalecimentos [...] (DELUMEAU, 2009, p.169)

Quando a Peste grassava as cidades as pessoas fugiam para os campos distantes, a começar pelos mais ricos que possuíam condições de sair das cidades mais rapidamente, depois o restante que podia fugia. As pessoas ficavam em estado de pânico coletivo. O medo e o nervosismo as acometiam. E enquanto uns rezavam, faziam penitências e procissões para que esse mal se dissipasse, outros se entregavam aos prazeres da carne e devassidões como escreveu Boccaccio, na sua obra Decamerão:

[...] Entregar-se francamente à bebida como aos prazeres, dar a volta à cidade divertindo-se, [...] conceder toda a satisfação possível às suas paixões, rir e gracejar dos mais tristes acontecimentos, tal era segundo suas palavras o remédio mais seguro contra um mal tão atroz [...] (DELUMEAU, 2009, p.185)

Alguns séculos após e em outro cenário, no Brasil do século XIX as crenças populares frente à Febre Amarela e Varíola foram um pouco semelhantes às da Idade Média. Pois, além das concepções herdadas do antigo cristianismo, algumas tradições culturais de indígenas e negros escravizados que vieram para cá partilhavam da concepção de que as moléstias eram causadas por entidades divinas que contaminavam os homens devido às suas maldades e desvios morais. E tal cura para a doença só podia ser conseguida através do processo de rituais mágicos que amenizassem a ira dos deuses. Inclusive, no Brasil, também houve casos da peste bubônica em fins do século XIX e início do século XX. Nessa mesma época muitos católicos afirmavam veementemente que a cólera que se proliferara no Rio de Janeiro fora resultado de pecados dos homens desta terra e a cura definitiva só poderia ser alcançada através de penitências e procissões, como apontou Sidney Chalhoub em seu livro denominado “Cidade Febril”.

Este mesmo autor mostrou a posição defendida pelos médicos higienistas do século XIX. Para estes homens da ciência, a epidemia era algo natural, nada tinha de sobrenatural. Mesmo assim, muitos desses médicos atribuíram à proliferação de doenças a vapores que emanavam dos

cadáveres ou do solo, os chamados “miasmas”. Percebe-se, aqui, um importante aspecto da visão da medicina deste tempo.

Outro caso de epidemia que causou reações de pavor entre a multidão, logo após o final da Primeira Guerra Mundial, foi a Gripe Espanhola. Vinda da Europa chegou ao Rio de Janeiro e outras cidades brasileiras e causou desespero popular. Essa doença causou um estado de pânico geral em que boa parte da população se encontrava faminta e sem remédios. As pessoas fugiam das cidades e se deslocavam para o interior. Segundo a reportagem da BBC Brasil estima-se que a Gripe matou 35 mil habitantes no Brasil, dentre estas vítimas, estava o presidente recém-eleito Rodrigues Alves. No restante do mundo a doença se proliferou rapidamente e matou indistintamente por volta de 50 milhões de pessoas, causando muito mais óbitos do que os mortos na Guerra pouco antes encerrada.

Relatos como estes mostram as reações populares diante das epidemias, e evidenciam os comportamentos coletivos de medo das pessoas que conviveram com tais moléstias. Mesmo com os avanços da medicina, esta fora ineficaz no combate às epidemias de Malária e Febre Amarela no século XIX, e Gripe Espanhola no início do XX. Outrossim, a conjugação de diversos fatores socioeconômicos (desorganização da produção, fomes, subnutrição), políticos (principalmente guerras) e culturais (hábitos favoráveis à proliferação de doenças), estiveram relacionados a grandes epidemias.

Diante disso, nosso objetivo foi abordar com os alunos uma breve explicação sobre epidemias ao longo da história, com ênfase na Peste Negra nos séculos XIV e XV, realizando uma exposição artístico-cultural de relatos, imagens e músicas alusivas à percepção que diferentes classes sociais tiveram e têm sobre epidemias. Além disso, foi elaborada uma peça teatral lúdica em que os alunos interpretaram e encenaram os comportamentos coletivos em tempos de proliferação da Peste Negra.

Com isso, se proporcionou aos alunos a apropriação do conhecimento produzido pela humanidade ao longo das gerações anteriores. E contribuiu para a promoção do saber crítico e da conscientização dos alunos diante dos motivos da existência desses fenômenos e dos meios de prevenção de doenças.

METODOLOGIA:

Utilizamos-nos da concepção de aprendizagem de Vigotsky denominada sociointeracionismo. Este defendeu que a aprendizagem fomenta o desenvolvimento e interação

entre os sujeitos. E possibilita a formação do pensamento crítico e elaboração de novos conhecimentos.

Nessa concepção o professor considera o conhecimento do aluno o guiando ao processo de aprendizagem, ou seja, tanto o aluno quanto o professor têm papel fundamental nesse processo.

Na construção desse projeto (especialmente a dramatização realizada) fizemos uma leitura inicial das práticas sociais que perpassaram a Idade Média. No caso, foi feita uma observação dos comportamentos e atitudes coletivos diante da Peste Negra medieval.

Após isso, nos utilizamos de ferramentas culturais, ou seja, a busca do conhecimento específico como as manifestações artísticas e representações da época, a exemplo de relatos de cronistas medievais que tratavam de descrever sobre o comportamento das pessoas em relação à Peste Negra e a iconografia medieval com representações sobre a Peste, principalmente as famosas representações pictóricas das danças macabras.

Ainda utilizamos como recurso base o conto “A máscara da morte vermelha” do escritor estadunidense do século XIX, Edgar Allan Poe, para a elaboração de uma peça. Ao utilizar esse conto propiciamos aos alunos uma interdisciplinaridade entre história, literatura e arte. Destacando que a peste negra não fez distinção entre classes sociais como é demonstrado no conto.

Através dessa encenação nosso intuito foi o de interagir com os espectadores para desenvolver a percepção das reações populares diante do horror da peste, e as explicações “naturais” tanto da cultura eclesiástica da época, de que a peste fora causada por emanções pútridas do solo; por conjunções celestes, e principalmente pela ira de Deus. Quanto à visão da multidão que acreditava que pessoas transmitiam a peste propositalmente ou pelo contágio inconsciente.

RESULTADOS:

Este projeto teve sua culminância na SOACC (Semana Olivina de Arte, Cultura e Conhecimento), realizada nos dias 13 e 14 de Setembro de 2016. Além da participação de nós bolsistas, o trabalho desenvolvido contou com a supervisão e participação da professora Ruth Gomes.

O projeto proporcionou aos alunos uma oportunidade de expor suas aptidões e criatividade das mais variadas formas, seja por meio de atuação (encenação de uma peça teatral), desenho, pintura, confecção de figurinos ou ornamentação.

Foi notória a presença de vários estudantes empenhados e motivados a querer aprender e

também ensinar aos demais, sendo construída, assim, uma relação de interação entre as turmas e muito aprendizado, visto que houve a participação ativa dos alunos e grande contribuição de seus próprios saberes.

Essa experiência possibilitou um aprendizado cultural e apropriação do conhecimento por parte dos alunos que se evadiu daquilo que é convencional no ambiente escolar. Contribuindo dessa forma para a construção de uma melhor relação de ensino-aprendizagem na escola.

CONCLUSÃO:

Diante de tudo o que aqui foi exposto, concluímos que o projeto realizado no Olivina Olívia Carneiro Cunha cumpriu de forma relevante seus objetivos de proporcionar aos alunos conhecimento. Não apenas conhecimento referente à temática em questão, mas também propiciou um aprimoramento das interações sociais e das capacidades cognitivas relacionadas à criatividade.

De modo geral, na escola se tem poucas oportunidades de o aluno demonstrar suas aptidões intelectuais e capacidade imaginativa em público. O projeto realizado na SOACC, contrariando aquilo que é corriqueiro, proporcionou aos estudantes essa oportunidade.

Além disso, chegamos à conclusão de que essa experiência corroborou para refletirmos acerca de novas abordagens relacionadas à práticas de ensino que prezem pela participação ativa do aluno.

Por fim, não poderíamos deixar de mencionar a nossa imensa satisfação em ter participado desse projeto e colaborado na construção e transmissão de novos saberes.

REFERÊNCIAS:

CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DIAMOND, Jared. **Armas, Germes e Aço: os destinos das sociedades humanas**. 16ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

FARIAS, I. M. S. de et al. Fundamentos da prática docente: elementos quase invisíveis. In: **Didática e Docência – aprendendo a profissão**. 3ª ed. Brasília: Liber livro, 2011.

POE, Edgar Allan. A máscara da morte vermelha. In: **Contos de imaginação e mistério**. São Paulo. Tordesilhas, 2012.

SITES:

<http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=815&sid=7> Acessado em 1 de Outubro de 2016.

http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/10/141013_gripe_espanhola_licoesEbola fd
Acessado em 1 de Outubro de 2016.